

A história de DI PACE

o "maestro" Belenense



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

Todos os Domingos

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 29 — 27-10-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.— Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

CARA A CARA

DEVE HAVER UM LIMITE NA SOBREPOSIÇÃO DOS DEVERES DE DESPORTISTA AOS FAMILIARES

Em nosso critério — que é perfilhado por muitos — está a exagerar-se no capítulo da duração dos estágios de jogadores do futebol.

Cremos que é tempo das entidades competentes intervirem no caso, que em nosso entender, colide, até certo ponto com o último dos princípios da conhecida legenda política: Deus, Pátria e FAMÍLIA.

Os jogadores de certos clubes têm de sujeitar-se ao seguinte regime de concentração — todas as semanas, e não de quando em vez, o que enfim, ainda se podia tolerar: Início na tarde de 5.ª feira. Final na 2.ª feira de manhã.

Inclusivamente os jogadores casados, com ou sem filhos, apenas podem ir dormir a casa às segundas, terças e quartas-feiras!

Façam-se as devidas conjecturas sobre o que será o regime familiar dos lares nestas condições — tanto do ponto de vista das esposas como dos filhos, e neste último caso repare-se que se trata de crianças pequenas, já que os pais são (pela força do seu emprego...) jovens ou pouco mais do que isso.

Claro está que há muitas profissões em que o chefe da família é obrigado a ausentar-se do lar tanto ou mais tempo de que os futebolistas citados.

Mas o que não vemos é necessidade desse exagero. Um desportista (e lembrar-nos que oficialmente são amadores!...) não é uma máquina nem tão pouco um mercenário. Tem alma, tem deveres familiares a cumprir, e deve haver um limite na sobreposição das obrigações de desportista aos da família.

O futebol brasileiro deu-nos algumas coisas boas, mas também algumas más. E uma destas é exactamente a ideia adulterada do «Lar do jogador».

Um futebolista que constituiu família é acima de tudo um homem e não um jogador. O seu lar é aquele que ele próprio fundou e não o que o clube lhe pretende impingir.

Tem-se tolerado esse erro da educação cívica (e, por ironia, desporto é educação!), mas é tempo de abrir os olhos, estudar-se o problema, e legislar-se sobre os direitos e deveres dos desportistas, profissionais ou amadores.

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

ESTA SEMANA FAZEM ANOS...

Dois «ases», embora não titulares das respectivas equipas, fazem anos esta semanas. São eles:

Fernando Filipe de Matos. Nasceu em 29 de Outubro de 1928, em Lisboa. Completa, pois, 29 anos, na próxima terça-feira. Representou os seguintes clubes: 1945-46 a 49-50 — Belenenses (duas épocas juniores), 1950-51 a 52-53 — Juventude de Évora; 1953-54 — Oriental; 1954-55 — V. Setúbal; desde 1955-56 — Torriense.

Otávio Augusto César de Sá. Nasceu em 2 de Novembro de 1935, em Lourenço Marques. Festeja pois no próximo sábado o 22.º aniversário. Está no Sporting há duas épocas.



Predomínio do basquetebol americano a sério ou a brincar

Embora não se praticando em todos os países, o basquetebol conta cerca de cem milhões de adeptos em todo o mundo. Desde 1936 que é um desporto olímpico. Os norte-americanos têm ganho sempre, nas olimpíadas. Em 2.º e 3.º lugar classificaram-se: em Berlim, 1936 — o Canadá e o México; em Londres, 1948 — a França e o Brasil; em Helsinquia e Melbourne (1952 e 1956), a Rússia e o Uruguai.



É evidente o predomínio dos americanos — não só dos «yanques», como na América Central e do Sul.

O apuro técnico dos americanos vai ao ponto de se ter criado autênticos mala baristas. É célebre o agrupamento «Harlem Globetrotters», que há trinta anos, renovando constantemente os seus quadros, percorre o Mundo, exibindo as aptidões espantosas dos seus basquetebolistas. São profissionais autênticos, recrutados entre os melhores amadores de cor que actuam na América, quer em clubes, quer em universidades. As grandes «estrelas» da actual equipa (como se viu no nosso Pavilhão dos Desportos) são Roman Turman e Tom Spencer, que exibem aqui o poder das suas manúptas.

DOIS AUSTRIACOS CONTINUAM EM FRANÇA



O futebol francês abandonou há muito o recrutamento de futebolistas estrangeiros.

Os que estavam, todavia, ficaram. Fiéis às suas tradições, os austríacos mantêm vivo o prestígio do seu futebol na terra francesa.

Eis, ladeando o capitão do Racing de Estrasburgo, Kominek, à esquerda e o célebre Stojasjal, à direita, «estrelas» da equipa alsaciana!

SONO...

OU

DESESPERO?



Que se passará com o guarda-redes Rozak, do Nîmes?

A sua atitude, tomada durante o encontro nocturno realizado em Paris, entre o Racing local e o Nîmes, parece querer dizer que os jogos à noite provocam o sono... Será?

Nada disso. Simplesmente, o Nîmes sofreu um golo e o seu guarda-redes está desesperado! Nada mais.

A beleza do Desporto Hípico



Os britânicos organizaram recentemente importantes provas no Condado de Yorkshire. Eis um dos concorrentes, o francês Michel Cochenet, transpondo, num salto a que não falta beleza, nem estilo, um dos obstáculos.

Os selos comemorativos da 7.^a Olimpíada (Antuérpia)

Prosseguindo na apresentação, por ordem cronológica, dos selos desportivos de todo o Mundo (segundo o Catálogo-Sport Landmans), ocupamo-nos hoje das estampilhas dedicadas aos Jogos Olímpicos de 1920 (Antuérpia).

Segundo aquela colectânea, antes, porém, em 1919, circularam selos no Sião e na Terra Nova, que estão englobados na série desportiva, mas um tanto vagamente.

Os da Terra Nova, com datas de emissão em 12 de Abril e 9 de Junho de 1919, são comemorativos da tentativa de travessia do Atlântico pelos aviadores Hawkér e Grieve (tentativa, com partida da Terra Nova, aliás baldada). Os selos porém não apresentam motivo alusivo àquela tentativa de proeza, mas simplesmente as sobretaxas é que os caracterizaram.

Caso semelhante ocorreu com a emissão siamesa de 13 de Julho de 1919, de 20 de Abril de 1920, e 18 de Setembro de 1920, em que as sobretaxas foram aplicadas em benefício da Associação de Escuteiros do Sião. Tem pelo menos certo interesse histórico.

A série completa de 6 valores está cotada em cerca de 700\$00. Mais tarde, com a sobretaxa diferente foi ligeiramente valorizada.

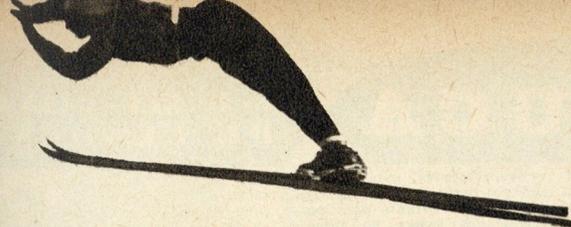


Tratemos agora da referida emissão comemorativa da 7.^a olimpíada. É belga e tem a data de 20 de Maio de 1920. Consta de três selos, apresentando um discobolo, uma quadriga romana e um corredor. O seu valor filatélico é porém muito baixo. Os três selos estão avaliados em menos de 20\$00.

Durante os Jogos Olímpicos foram usados timbres assinalando o facto. Uma tiragem especial, não dentada, cujos poucos exemplares, muito raros, devem custar para cima de um conto de réis cada.

Os selos que reproduzimos apresentam uma sobrecarga, em que determinados casos, devido a particularidades, valorizam extraordinariamente estas estampilhas.

Não deixa de ser curioso que tendo-se realizado Jogos Olímpicos em 1900 (Paris), 1904 (S. Luis), 1908 (Londres), e 1912 (Estocolmo), não se emitiram, que saibamos, selos comemorativos dessas grandes manifestações desportivas.



ESQUIADORES ALADOS

Tony Sailer, célebre esquiador austríaco, que tantos êxitos tem alcançado em todos os países onde tem exibido as suas extraordinárias qualidades e arrojo, é um atleta que empresta elegância extraordinária aos seus saltos. Este voo, que mais parece o de um pássaro gigante é de rara beleza e demonstra eloquentemente a classe do jovem vienense.

Tony Sailer é considerado justamente o melhor esquiador do Mundo. Um país, porém, está a preparar-se para recuperar o antigo prestígio no desporto do esqui. É a Noruega.

Os treinos dos noruegueses são de um arrojo inaudito, como se vê na gravura. Um esquiador voa sobre uma estrada, como impulsionado por asas invisíveis. O menor erro de cálculo — e era uma vez um campeão de esqui...



Soluções dos passatempos deste número

FOTO-ENIGMA—a) Taça de Portugal; b) 1951; c) Académica; d) 5-1.

PALAVRAS CRUZADAS:
 Horizontais — 1 — Plaga; suada. 2 — Rala; Bastos. 4 — Apela; gaita. 4 — Gailieu; rer. 5 — Aria; be. 7 — Bo; Tamo. 8 — Azo; Matateu. 9 — Lorde; Aliás. 10 — Málaga, Maca. 11 — Arara; gases. Verticais — 1 — Praga; Palma. 2 — Lapiro; zoar. 3 — Aleli; borla. 4 — Galiano; dar. 5 — Ai; Mega. 7 — Sagu; tá. 8 — Usa; Batalha. 9 — Atire; atias. 10 — Dote; ameo-co. 11 — Arara; ocoas.

XADREZ — 1. Bc3. Variantes temáticas: 1... P4; 2. Dfr. 1... Tf4; 2. Dg8.

DAMAS — 31-22. Se 3-16, 14-25 g. (se 16-20 ou 16-23; 22-27). Se 3-13, 14-18 g. etc.

JUCA

E O SEU CALVÁRIO DE LESÕES

Não é, evidentemente, uma história agradável, esta das lesões de «Juca», que vamos contar. Serve, no entanto para mostrar que a vida dos «ases» do futebol nem sempre é um mar de rosas. É que as rosas têm espinhos...

Mas demos a palavra ao próprio «Juca»:

— Desde já previno, que os arranhões não contam nesta história. Sim, aquelas pequenas lesões que são o pão nosso de cada dia, de todos nós, jogadores, essas não as descrevo, por desnecessário. Portanto só vou contar-vos os casos mais graves e que mais me apouquentaram ao longo duma carreira e duma profissão a que me entreguei dedicadamente.

«A minha primeira lesão mais séria foi em Lourenço Marques. Rotura de ligamentos e consequentemente, um mês de afastamento dos rectângulos de jogo. Depois, decorridos alguns meses, vim para Lisboa. Pouco foi o tempo que mediou entre o

meu ingresso no Sporting e a sua deslocação ao Brasil, em 1951. Estava no princípio da minha carreira e os sonhos eram muitos. O destino quis porém que após o deslumbramento que o Brasil me provocara, o Maracanã ficasse assinalado como marco cruel. Foi nesse enorme «monstro» que sofri rotura dos ligamentos do joelho direito e a fractura de dois meniscos. Resultado: nove meses inactivo!

Reparei no momento em que Barros tinha sido suspenso. Notei então que após os jogos o joelho inchava de forma assustadora e me doía imenso. Tornava-se porém necessária a minha presença na equipa e assim fiz os últimos cinco jogos do campeonato, entre os quais o último no Barreiro, em que vencemos. O certo é que ia jogar ao domingo sem treinar durante a semana...

«Manuel Marques, conseguiu depois o milagre e restabeleci-me.

«O terceiro acidente sofrido foi num



jogo com o Oriental que o Sporting venceu por 9-0. Dessa vez foi só uma «costela rachada». Mesmo assim ainda joguei mais dois jogos, tomando parte num encontro que vencemos em Setúbal.

«Consegui depois respirar livremente durante bastante tempo até que na época passada surgiu o Portugal-Espanha, que vencemos por 3-1. Dias antes dera um jeito no joelho. Resultado: Este inchava, voltava o meu pesadelo...

«No sábado seguinte defrontávamos o húngaros e convenci-me que... estava liquidado!

Mais uma vez Manuel Marques conseguiu o milagre e alinhel.

No decorrer do campeonato, no jogo com o Covilhã fui magoado no baixo ventre, o foram mais algumas semanas de repouso forçado. Veio o jogo com a Irlanda e fiquei de fora, como espectador, nas bancadas. Reparei no encontro com o Porto em que vencemos, para falhar logo a seguir com a Cuf.

«Sofri ainda uma rotura de cartilagem intercostal, no ano passado, em Coimbra que me forçou a mais quinze dias de convalescença.

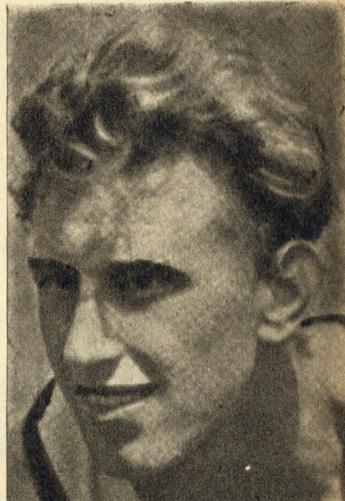
Entretanto, veio o defeso. Aproveitei a férias e recuperei de tal foma que me encontrava quase em forma, quando me apareceu um «corpo estranho» (foi a designação do médico) no joelho. Menisco não podia ser já não os tinha... Enfim! Voltou a face, o bisturi. Foi coisa ligeira e berlinde e já estava de novo em movimento.

E agora, cá estou de novo, empenhado em recuperar a minha antiga forma... e esperançado que a «mala-pata» se cansou de me perseguir!...

MAIS UM DESPORTISTA

A PEDIR

ASILO POLÍTICO



O caso do polaco Stefan Kyras não é único. Muitos têm sido os desportistas que deslocando-se, integrados em equipas dos seus países, têm aproveitado a oportunidade para pedir «asil político» às autoridades das nações que visitam. O mesmo aconteceu ao jovem polaco Kyras, corredor de meio-fundo, mecânico, de 23 anos de idade, que pediu asilo às autoridades de Glasgow, depois de ter tomado parte numa corrida na Grã-Bretanha.

As autoridades britânicas deram-lhe permissão para ali fixar residência pelo período de doze meses.

Quer-nos parecer que, assim, Kyras arranhou uma situação pouco airosa...

FRANZ STAMPFL

o técnico alemão que mais «ases» tem preparado

Actualmente na Austrália, onde é funcionário do Departamento de Educação Física e treinador de Atletismo na Universidade de Melbourne, o alemão Franz Stampfl, é talvez, o técnico que pelo seu trabalho individual, mais «ases» tem fornecido ao Atletismo.

Seria necessário muito espaço para descrever o que tem sido a acção deste famoso «coach» germânico.

Para avaliar os seus méritos, basta citar, entre as muitas centenas de atletas que tem preparado, o nome de quatro: o dr. Roger Banister, que só foi possível correr a «Milha do Século» em 4 minutos, pelo carinho, o método e o interesse que Franz pôs na sua preparação; Chataway, que foi «recordista» mundial dos 5.000 metros (em 13 m. 56 s. e 2/10) nunca teria passado da vulgaridade se o técnico alemão, não o tivesse estimulado, aconselhado e treinado, no momento em que após os Campeonatos Europeus de 1954 em que foi derrotado por Kuts, estava na disposição de abandonar toda a actividade; Brasher, campeão olímpico dos 3.000 metros obstáculos, teve sempre em Stampfl, um amigo sincero, quando todos duvidavam das suas possibilidades; e Brian Hewson, um dos actuais melhores corredores da milha que encontrou em Franz o estímulo que necessitava para pôr à prova as suas faculdades de atleta.

A traços largos eis um apontamento biográfico de Franz Stampfl:

Estudante aplicado e com vocação, desembarcou certo dia na Inglaterra, onde tentava concluir o seu curso de Belas Artes.

Desde muito novo que o Desporto o atraía, particularmente como meio de formação da beleza estética.



Franz Stampfl (o de boné), rodeado pelo dr. Roger Banister, Chris Chataway e Chris Brasher, após alguma atleta britânico ter corrido pela primeira vez a milha em quatro minutos.

Assim, o jovem Franz dedicou-lhe muito do seu tempo disponível, atingindo bom nível técnico em muitas das modalidades que praticou, especialmente no atletismo e no esquí.

Com o rebentar da guerra todos os projectos de Franz foram deixados por terra, e a sua vida completamente modificada. Como estrangeiro é internado e tempos depois deportado para a Austrália. Mas a sua tragédia não havia de ficar por aqui. O transporte em que seguia foi torpedeado e Stampfl com todos os seus companheiros de infortúnio lutou durante vinte e quatro horas pela sua sobrevivência em águas quase geladas. Franz talvez por consequência da sua forte compleição, resistiu, mas a maioria dos infelizes naufragos pareceram.

Terminada a guerra, Franz regressou a Inglaterra, mas resolveu dar rumo novo à sua vida. Dedicar-se à orientação atlética da juventude e realizar nos corpos humanos o que o destino não quis que traduzisse com as tintas ou com o cinzel; a beleza plástica.

Com essa finalidade Franz abriu um curso livre de Educação Física, frequentado por centenas de alunos, que iam desde o atleta que aspirava bater «recordes» do Mundo até à senhora idosa que desejava emagrecer.

Franz, a todos dedicava carinho quase paternal, e não havia um sequer dos seus pupilos que não tivesse por ele sincera admiração.

De regresso à Austrália, agora como homem livre, Franz Stampfl dispõem-se a fazer uma obra em profundidade no campo da educação física naquele país.



SABE QUE EQUIPA É ESTA?

A equipa que aqui aparece posando para a posteridade acabara de ganhar um torneio. Reconhecem-se, de pé, o treinador Ted Smith, Moreira, Artur, Felix, Bastos, maçaquista Hugo, Francisco Ferreira e Fernandes. Adiante: Rogério, Arsénio, Águas, Batalha e Rosário.

Pergunta-se: a) Que torneio foi? b) Em que ano? c) Qual o adversário desse jogo final? d) Qual o resultado?

Respostas na página 5.

A mãe quis ser a primeira a felicitar o filho...

A senhora Ward Lyn, mãe do estudante americano Kerry Lyn ficou tão entusiasmada com a vitória de seu filho nos campeonatos escolares americanos de Atletismo que não resistiu à tentação de ser a primeira a felicita-lo e, com esse fim, entrou na pista onde a prova se disputou, no momento em que Kerry cortava vitoriosamente a meta.



Helena Vieira

**DE ATIRADORA AO ARCO NO BENFICA
A ARTISTA DA RÁDIO E DO THEATRO**

Helena Vieira, uma das nossas mais graciosas vedetas do teatro ligeiro, nasceu desportista.

Depois de ter praticado ginástica em larga escala, dedicou-se ao tiro ao arco, passando em 1941 a envregar a camisola do Sport Lisboa e Benfica.

Tendo tomado parte em provas de competição chegou a concorrer ao Campeonato de Lisboa.

Em 1954, o Sport Lisboa e Benfica voltaria a contar com a sua preciosa colaboração, no Festival levado a efeito pelos nossos artistas a favor do seu novo Estádio.

Helena Vieira, artista e desportista, tornou deste modo a envregar a camisola da sua simpatia, no interessante jogo de andebol contra a equipa de artistas espanholas, que constituiu um dos momentos mais memoráveis do Festival do Pavilhão dos Desportos.

Entretanto, a vida artística — e não só teatral — conquistara-a para sempre. Estreou-se na Rádio. Mais tarde, no Teatro, iniciou os primeiros passos como profissional na peça infantil «A Princesinha Triste», ao lado de Madalena Sotto, não mais voltando a abandonar os nossos palcos, onde tem trabalhado com Laura Alves, Assis Pacheco e Mirita Casimiro.

Duas revelações mais: Helena Vieira é casada com o actor Óscar Acúrcio, e vai representar no Sá da Bandeira do Porto a nova fase da revista «Viva o Homem», na companhia que terá como vedetas principais a artista Alma Flora e o cantor Odyr Odillon.



PALAVRAS CRUZADAS

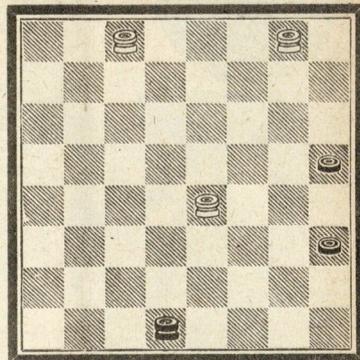
★	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

HORIZONTAIS — 1 — Região; transpirado. 2 — Rara; jogador do Benfica. 3 — Pede; instrumento musical. 4 — Jogador do Torriense; rapar o sal na salina e juntá-lo com o rodo. 5 — Cantiga; letra. 7 — Símbolo químico do boro; planta dioscoredeça medicinal. 8 — Ensejo; jogador do Belenenses. 9 — Título nobiliário inglês; ligar. 10 — Cidade espanhola; planta de Angola. 11 — Ave semelhante ao papagaio; flautância.

VERTICAIS — 1 — Capital dum país europeu; jogador da Cuf. 2 — Lebre ou coelho pequeno; zunir. 3 — Coivo; barrete, grau ou insígnias de doutor. 4 — Pugilista de categoria internacional; oferecer. 5 — O mais; dirigente da A.F.L. 7 — Espécie de fécula que se extrai da medula dos sagueiros; interleição. 8 — Emprega; jogador do Lusitano. 9 — Lance; moedas portuguesas de Diu. 10 — Bens que se dá à mulher que casa; intimide. 11 — Guarnecera de asas; empreendes.

DAMAS

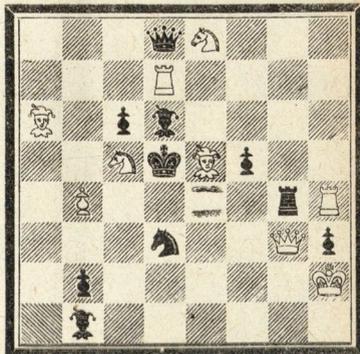
ANTÓNIO JOSÉ LOUREIRO
(Póvoa de Varzim)



logam as brancas e ganham

XADREZ

A. F. ARGUELLES
(Barcelona)



Mate em dois lances

O CINEMA
E O
DESPORTO

MARCA DO PELO ÓDIO

Nova Iorque — 1920. Para a Polícia americana, Barbella era um garoto cheio de vícios um futuro gatuno que acabaria na cadeira eléctrica. Durante a guerra, é mandado para o exército após o cumprimento de uma sentença de tribunal que o fez permanecer preso alguns meses.

No entanto, Rocco, incapaz de suportar a ríspida disciplina militar, discute com o capitão do seu grupo, esmurra-o, deixando-o inanimado.

Foge e entre os vários trambolhões que a vida lhe proporciona, faz-se «boxeur».

Ajudado por dois amigos logra atingir o lugar de campeão ao fim de seis combates que foram outras tantas vitórias, usando para o efeito o nome de Rocky Graziano.

Mesmo desse modo, a polícia descobre-o e o tribunal Militar condena-o a um ano de prisão no Quartel Disciplinar de Leavenworth.

Durante uma luta na cadeia o nosso herói chama a atenção do treinador Hyland que o toma a sua guarda facultando-lhe todos os seus conhecimentos e um porfiado treino de pugilismo.

Ao deixar o Quartel a sua vida toma novo rumo. Na sua frente, a figura gentil de Norma Onger

INTERPRETES PRINCIPAIS

Rocky Graziano Paul Newman
Norma Pier Angeli
Romolo Sal Mineo
Irving Cohen Everett Sloane

Produção de Charles Schneé
Realização de Robert Wise

Baseado na autobiografia
de Rocky Graziano

Um filme da M. G. M., magistralmente interpretado, e dos melhores que já se produziram sobre o tema desportivo



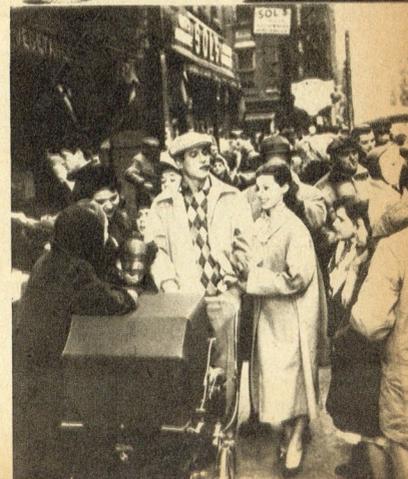
impressiona-o de tal modo que o leva ao casamento e à pronta abdição de tanta anterior rebeldia.

Enormes dificuldades no campo desportivo que escolhera, tais como especulações provenientes dos seus adversários relativos ao seu passado pouco brilhante, várias injustiças e muitas brutalidades fazem-no hesitar e abandonar a luta.

Desanimado, sentindo por tudo aquilo uma repugnância que em breve o atirárá para os braços de uma completa apatia, recolhe-se pensativo, ao velho bairro sórdido onde decorrera a maior parte da sua atribulada infância. Revolta-se contra tudo e contra todos. A mulher amada chega a esbofeteá-lo. Ele cai em si e reage.

Tranquilizado, volta ao combate, enfrenta o detentor do título com todo o ânimo dos seus punhos valentes e da sua alma recuperada. Derrota-o e torna-se campeão do Mundo.

Mas verifica que a sua melhor vitória foi ter conseguido vencer os maus princípios, ganhar a consideração e o respeito como homem e como pugilista e tornar-se digno do amor que lhe consagra a doce e firme companheira dos bons e maus dias, a eterna namorada dos seus sonhos de futuro, a bellissima e carinhosa Norma, que acabava de lhe oferecer um rosado bebé.





Em Espanha, Loroño não perdoa!

Já vencedor da «Volta à Espanha», o vasco Jesus Loroño continua a evidenciar um corredor velocipédico de alta estirpe.

No seu país, a rivalidade que mantém com Bahamontes, Morales e Poblet, continua bem viva, qual chama ardente de um fogo enorme.

A sua última vitória, a pôr termo a uma série de polémicas ocasionadas pelos numerosos adeptos dos quatro «grandes» de Espanha, foi a confirmação do valor firme de Jesus Loroño.

Eis o ciclista de Bilbao (à direita) ao receber os cumprimentos de Miguel Poblet, pela sua vitória na «Volta à Catalunha».



COM A FRALDA DE FORA...

A prova das 6 milhas, é uma das clássicas corridas de fundo dos ingleses, que equivale aos 10.000 metros dos países onde o sistema métrico é oficialmente usado. Nos campeonatos regionais as seis milhas foram duramente disputadas, tendo o favorito, Hugh Foovd, sido batido por escassas polegadas pelo jovem atleta Lawie Reed, que com a sua vitória alcançou o título de campeão.

Em dada altura do percurso, Reed pôs de fora a fralda da camisola para correr mais depressa...

"Monsieur" Albert Gundmunsson voltou rico à Islândia

Albert Gundmunsson é pouco conhecido em Portugal. No entanto, em França, onde foi estrela luminosa no futebol do Racing de Paris, Nice e Nancy e, em Itália, nas fileiras do Milan, Gundmunsson é popularíssimo. Chamavam-lhe... **Monsieur Albert tout court**, porque Gundmunsson era, quer em campo, quer fora da sua actividade desportiva, um homem fino, um **gentleman**.

Natural de Reykjavik, capital da Islândia, consideravam-no a figura mais célebre do seu país, no mundo do desporto. Várias vezes «internacional», resolvera um dia, abalar para outras paragens, em busca de fortuna, o que conseguiu. Durante uns anos Gundmunsson brilhou pelos Estádios Latinos.

Mas, num **outro dia** da sua carreira, já com muito razoável «pé-de-meia», **Monsieur Albert** resolveu regressar à Pátria. Jogou a sério, ainda, durante uma época. Agora, só o faz a brincar, porque os seus negócios de **import-export** lhe ocupam a maior parte do tempo. Tornou-se um homem rico, importante, Albert Gundmunsson.

Neste momento, o futebol, para si, é apenas um espectáculo. A não ser que o desafiem para qualquer partidinha entre solteiros e casados.

Recentemente, por ocasião do encontro Islândia-França, a contar para o Campeonato do Mundo, os franceses foram descobrir **Monsieur Albert** muito atarefado nos seus negócios. Aliás, de quando em vez, **Monsieur Albert**, que tem a França no coração, vai a Paris matar saudades.



...A sua última época, com a camisola do seu clube islandês, o Hofnaffjordur.



À ESQUERDA: A saída do seu escritório, na fria Islândia.



À DIREITA: Tratando dos seus negócios.

O "VELHO" ROBINSON

batido por Basílio quer desforra

EM BAIXO: Ele é Campeão Mundial dos médios! O seu sonho. Um sonho para o qual Carmen Basílio se havia preparado incessantemente.

O público, fora do ringue, aplaude o vencedor. Os seus «segundos» e o seu «manager» vão levá-lo em triunfo. Carmen Basílio é um homem feliz.



Ray Sugar Robinson e Carmen Basílio lutaram recentemente, em Nova Iorque, para o título mundial.

Robinson, com 37 anos de idade, viu-se destronado pelo italo-americano, ao cabo de 15 «rounds», que decorreram com a aspereza que as nossas imagens reproduzem.

As críticas confessam, todavia, que o velho Robinson ainda não está acabado. Durante a maior parte dos assaltos, Ray conseguiu ter vantagem, só vindo a soçobrar a partir dessa altura.

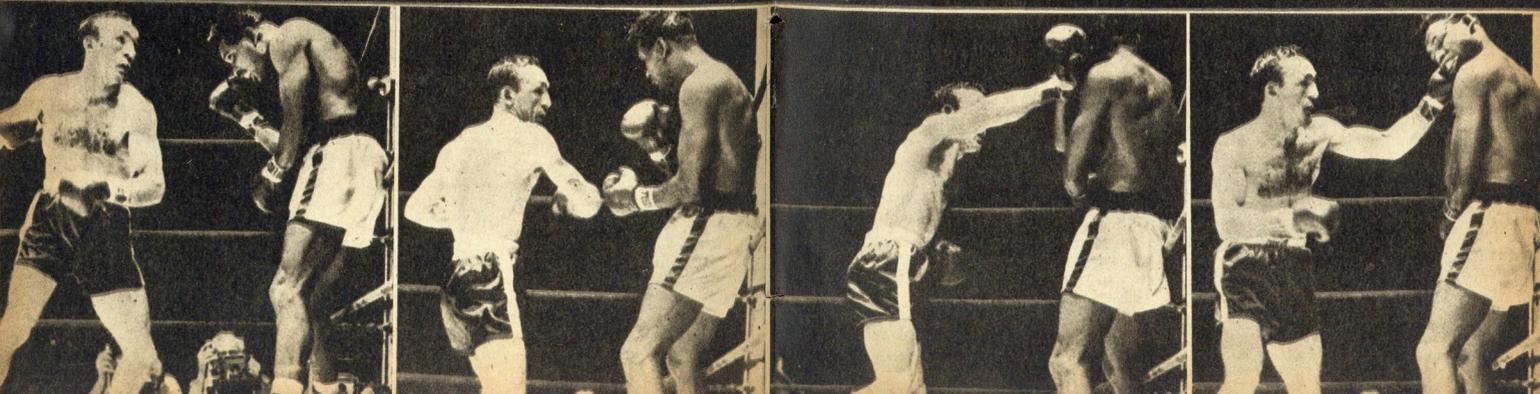
Mais novo do que o seu rival sete anos, Carmen Basílio terá de pôr o título em jogo contra Robinson, que pediu a desforra, dentro de três meses.

Tudo indica, portanto, que o pugilista mais sensacional que o Mundo tem conhecido, volte a reconquistar o título ora perdido.

Robinson declarou aos cronistas da imprensa, da rádio e da televisão, que voltaria para ganhar...



EM BAIXO: no decorrer do décimo primeiro assalto, Basílio lançou-se sobre Robinson, praticando um forcing desesperado. Este pequeno filme reflecte perfeitamente esse episódio. Batendo com as duas mãos, Carmen Basílio levou Robinson às cordas. Braços caldos, por momentos sem guarda, Robinson está em dificuldade.



De vez em quando o V. Setúbal prega uma partida ao Belenenses...

O Vitória de Setúbal nem sempre é adversário fácil para o Belenenses. Basta atender aos resultados, ainda que eles não reflitam todas as atribuições por que passaram os «azuis», quer nas Salésias, quer no campo dos Arcos:

1934-35	Bel. 3-0	Vit. 2-1
1935-36	Vit. 1-2	Bel. 0-2
1936-37	Bel. 5-0	Bel. 1-5
1939-40	Bel. 8-0	Bel. 0-1
1943-44	Vit. 1-2	Bel. 1-3
1944-45	Bel. 3-1	Bel. 2-3
1945-46	Bel. 3-2	Bel. 1-4
1946-47	Bel. 3-2	Vit. 2-1
1947-48	Bel. 7-1	Bel. 0-3
1948-49	Bel. 3-1	Bel. 1-2
1949-50	Bel. 2-1	Vit. 1-0
1950-51	Bel. 2-0	Vit. 2-1
1952-53	Bel. 2-1	Vit. 1-0
1953-54	Bel. 3-1	Bel. 0-1
1954-55	Vit. 1-2	Bel. 0-1
1955-56	Emp. 3-3	Bel. 4-0
1956-57	Bel. 5-1	Bel. 5-2

Por aqui se vê que o Vitória de Setúbal já conseguiu impôr três derrotas e um empate no campo do Belenenses. No Campo dos Arcos, os sadinos averbaram cinco vitórias.

Ao todo, pois 25 vitórias do Belenenses e 8 do V. Setúbal.

A título de curiosidade eis como alinharam as duas equipas no último desafio do Restelo (3.ª jornada do campeonato de 1956-57):

Belenenses — J. Pereira; Pires e Moreira; C. Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Di Pace, Miranda, Mateu e Tito.

V. Setúbal — Mourinho; Jacinto e Orlando; Soares, Graça e P. Almeida; Inácio, Floriano, Jacinto II, Miguel e Serra.

EM BAIXO: Dois aspectos dum jogo V. Setúbal-Belenenses disputado em 1946, no Campo dos Arcos. Rafael e Quaresma tentam passar, respectivamente, Pacheco e Camilo Pina.

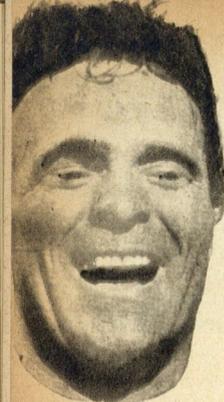


IMAGENS DO Belenenses - V. Setúbal DOUTROS TEMPOS NAS SALÉSIAS



HÁ OITO ANOS QUE

Marcel Cerdan perdeu trágicamente o seu «match»... com o destino



Cerdan tinha um riso franco

No Pico Redondo, da Ilha de S. Miguel, despenhara-se um quadrimotor francês. Trágica pavorosa, que logo o elégrafo se apressou a noticiar para todo o mundo, trouxe um sentimento geral de mágoa, talvez mais pungente nos meios desportivos, que nesse avião — sonhavam talvez com nova glória — viajava um desportista famoso, uma das mais estimadas figuras da França, o seu maior embaixador desportivo: Marcel Cerdan. O valoroso pugilista seguia rumo dos Estados Unidos, no intuito de tentar recuperar o título mundial de «médios» que Jake La Motta lhe havia arrebatado, num combate dramático em que Cerdan combatera com uma rotura muscular, no braço esquerdo, portanto inibido de utilizar os dois punhos.

Marcelino Cerdan, nasceu em Sidi-Bel-Abbés, na Argélia, a 22 de Junho de 1916. Filho de espanhóis, mas francês por educação, e pelo meio onde cresceu, os primeiros anos da sua vida foram muito pobres, até a família a mudar para Casablanca. E seus irmãos, Vicente, Armando e António tornaram-



O combate com Tony Zale, que deu o título mundial a Cerdan.



A queda do campeão. O título passa para o europeu!



Carpentier, o antigo campeão mundial de todas as categorias, felicita o seu compatriota.



EM CIMA: Cerdan satisfazendo uma ideia de um fotógrafo americano.

-se pugilistas, sob a égide paterna.

Ao contrário de seus irmãos, Marcel preferia outras modalidades, e assim o futebol (no qual foi razoável praticante) e o ciclismo, foram os primeiros desportos a despertarem-lhe entusiasmos. Seu pai impôs-lhe porém a carreira do ringue e Marcel estreou-se em Méknés, a 4 de Novembro de 1934, derrotando por pontos um desconhecido Bucchianeri. Em 1935 disputou novo combate em Casablanca e no ano seguinte averbou onze vitórias. O primeiro adversário de qualidade que enfrentou foi Omar Konitari, a quem venceu duas vezes por pontos, seguindo-se-lhe Edy Rabat, um checo temido, cuja derrota por K. O. produziu sensação em Paris.

Com 22 anos, Cerdan foi campeão de França, «semi-médios».

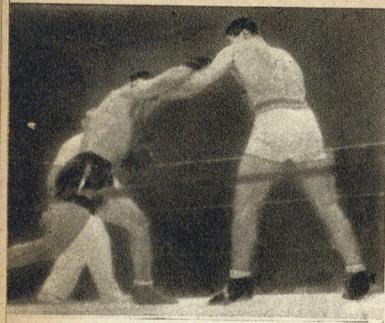
Começou então carreira sensacional e semeada de triunfos por K. O.

Em 1939 o italiano Turileo perdia em Milão o seu título de campeão europeu. Nessa altura levava Cerdan 54 combates disputados e só uma vez conhecera a derrota. Depois, até 1942 disputou mais 28 combates e obteve outros tantos êxitos.

Entretanto, a guerra estalara e Cerdan, alistou-se na marinha. Fim do conflito mundial, voltou aos ringues e em Janeiro de 1946, lutou em Lisboa, onde no Coliseu bateu o nosso «pesado» Agostinho Guedes ao cabo de 2 m 45 s de luta. Voltara a ser o «leão do ringue», conseguindo o seu maior êxito em 21 de Setem-

EM BAIXO: Marcel Cerdan em Lisboa, antes de principiar o combate com Agostinho Guedes.





Parecia que Agostinho Cuedes, (o de calções brancos) com os mais oito quilos de músculos e longos braços, aguentaria o ímpeto do francês...

...Mas segundos depois era dado, por vencido por K.O. (levantou-se à contagem de dez, parece por ter ouvido mal, devido ao barulho da sala).

bro de 1948, forçando o italo-americano Tony Zale, em Nova Jersey, a abandonar ao 12.º assalto o combate que deu a Cerdan o título de campeão do Mundo.

No ano seguinte, infelizmente incapacitado cedeu ante Jake La Mota. Cerdan, porém, sabia que o título máximo da sua categoria poderia voltar a

pertencer-lhe. Mas o destino — árbitro supremo no grande «match» que é a vida — não lhe permitiu, sequer, voltar a pisar o ringue da desforra.

Oito anos são passados (completam-se amanhã) e o mundo desportivo não esqueceu ainda o grande gladiador francês.

Autógrafo de Marcel Cerdan publicado na extinta revista Stadium.

*Qu publicie Portugais
en les remerciant de leur
chaleureux accueil*

Marcel Cerdan

CRÓNICA
DESPORTIVA
APRESENTA

MIGUEL DI PACE

O «MAESTRO»
BELENENSE



Vitória do Belenenses sobre o Benfica por 1-0, no Estádio Nacional, em 1953.





1953 — Di Pace em luta com Mascarenhas e A. Caiado. O Belenenses ganhou ao Boavista por 2-1.

Quem é Miguel Di Pace? Como veio para Portugal, para o Belenenses?
Decerto, estas perguntas devem ter sido formuladas por mais de uma vez pelos muitos admiradores do «maestro» argentino, dos «azuis».

CRÔNICA DESPORTIVA vai responder a essas interrogações, pela própria boca do indigitado. Será porventura uma história diferente de quantas temos apresentado neste magazine, porque Di Pace não é um jogador vulgar — foi grande jogador do Racing de Buenos Aires, do Huracan, do «Universidad» do Chile, e é-o ainda do Belenenses.

Tem a palavra Miguel Vuotto Di Pace

O PAI NÃO CONSENTIU NA PRIMEIRA ENTREVISTA

— Nasci no «Barrio de Santelmas» de Buenos Aires em 31 de Agosto de 1926...
— Tem 31 anos já?! Não pisme...
começamos logo por obiectar. E de facto, o argentino do Belenenses não aparenta mais de 25 anos, ou somos fracos fisiologistas
Di Pace respondeu à nossa

observação com um encolher de ombros, e com o comentário sorridente «Tenho levado boa vida...»
Adiante:

— Baptizaram-me com o nome de meu pai — Miguel — mas tratavam-me por Tito.

— Porquê? Não era decerto para fazer concorrência ao seu actual colega do Belenenses...

Sorriu de novo, mas... não soube explicar o motivo daquele diminutivo, aliás corrente na sua terra.

— Sou o mais novo dos quatro filhos de meus pais — continuou.

— Todos desportistas?

— Não. Eu fui o único que «degenerou». Aliás, dos quatro, só dois são rapazes. O meu irmão Rodolfo foi jogador.

— sim, mas... de pelota vasca.

— Como encarou a sua família a sua «degeneração», quer dizer, a sua propensão para o futebol?

— Meus pais contrariaram. Meus irmãos raro faltavam aos jogos em que eu participava.

— Que futuro sonhava seu pai para si?

— Tudo menos jogar à bola — replicou com cômica simplicidade

E rematou:
— Quando marquei os primeiros golos na categoria principal do Racing, foi um jornalista a minha casa para me entrevistar. Pois meu pai não consentiu.

— E hoje, o que diz?

— Bem: com a continuação deixou de me censurar. E hoje como minha mãe apenas lamenta que eu esteja longe da pátria...

NATAÇÃO E FUTEBOL

Retomamos o fio à meada:
— Como e quando começou a sua carreira futebolística?

— Primeiro na escola. Um dos meus colegas de estudos era sobrinho do presidente do Racing de Buenos Aires. De maneira que, com quinze anos, ingressei nos juniores daquele grande clube de Buenos Aires.

Interrompemos novamente:
— Só o futebol atraiu a sua atenção, no mundo do desporto?

— Também a natação. Nadava diariamente cerca de mil metros na piscina de Mar del Plata. Com treze anos ganhei uma prova de 25 metros.

— Recordar-se da sua estreia oficial em futebol?

— Na primeira categoria, sim. Foi contra o Independiente, em campo neutro, para o campeonato da I Divisão. Perdemos por 5-1.

— Má estreia...



Di Pace domina a bola em todas as posições! Jogada digna de um «maestro»...



Grandes da Argentina: Di Pace entre Pedernera e Labruna. Lustan na extrema esquerda.

— Todos nós jogámos mal. A linha avançada era formada por cinco ex-juniões. Mas Stable, que era o treinador, manteve mesmo assim a «linha» e melhorámos nos jogos seguintes.

— Que idade tinha?

— Dezoito anos. Em 1945 fez três jogos na 1.ª categoria. Na época seguinte é que firmei lugar, até 1947.

— Quanto ganhava?

— Comecei por 100 pesos e quando passei a profissional, o ordenado era de 600 pesos por mês (ao câmbio da época, cerca de 5 contos em moeda portuguesa).

PERMUTADO PELO GRANDE MENDEZ, E COM O BÓNUS DE... UM AUTOMÓVEL

— Porque deixou o Racing?

— Por acordo entre os dois clubes, Racing e Huracán. O meu primeiro clube estava interessadíssimo em Mendez, do

No Funchal, pronto a tomar um belo banho...

Huracán. Combinaram então a troca. Mas eu não queria. Deram-me então 25.000 pesos (cerca de 150 contos).

E acrescentou:

— Com esse dinheiro comprei um automóvel, um «Hudson»... que acabei por vender ao meu cunhado, quando deixei Buenos Aires.

— O Mendez de que falou era o famoso internacional argentino que jogou em Portugal?

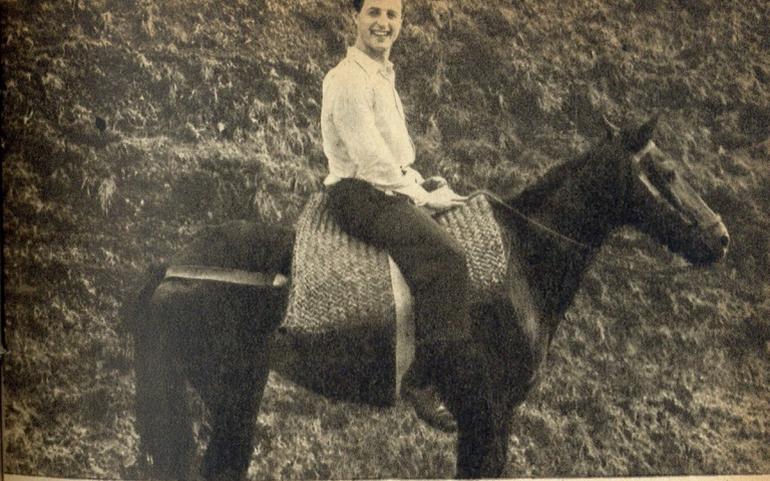
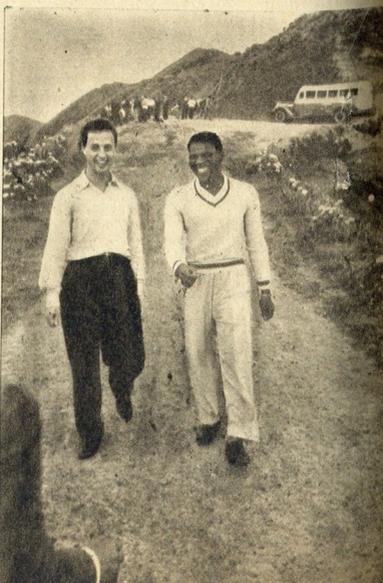
— Sim. Se ele veio a Portugal, com o Racing em 1949 (recorda-se da sensacional vitória do Benfica, leitor?), foi porque tínhamos trocado de clube. Se não fora isso, provavelmente teria visitado Portugal mais cedo...

(E talvez não tivesse vindo para o Belenenses, como adiante se verá...)

ADEUS, BUENOS AIRES...

Di Pace falou-nos depois das suas viagens:

Em São Miguel, Açores — com o seu velho amigo Matateu



Vocês já têm visto as minhas habilidades de futebolista, mas se vissem as de cavaleiro... — parece dizer o simpático argentino.

— A primeira vez que saí da Argentina — o meu baptismo do ar, até — foi uma digressão que fiz pela América do Sul e Central, jogava ainda no Racing.

E continuou:

— Começámos pelo Peru, onde perdemos os quatro jogos. Ainda se pensou em regressar, mas seguimos para o México. Ganhámos então todos os jogos, e visitámos também S. Salvador e Costa Rica.

Breve pausa. E depois:

— Fiquei com o gosto das viagens, de conhecer novos países. Assim, quando expirou o meu contrato com o Huracán, após três anos, aceitei o convite do «Universidad» do Chile para lá jogar duas épocas.

— Que tal se deu no Chile?

— Fui muito bem tratado. Boa gente. Futebol de nível semelhante ao português, mas um pouco mais duro.

E a revelação, quíça inédita:

— Foi ainda no Chile que Scopelli me falou em vir para o Belenenses. Foi o desejo de conhecer a Europa que me levou a aceitar as condições do contrato, sem objecções.



Em Ponta Delgada, rodeado de pequenos admiradores.



A caminho de Lisboa, com típicas recordações. Junto de Di Pace: Benitez e Serafim

1955 — Vitória do Belenenses contra a Académica por 3-0, no Estádio Nacional. Este remate levava lume. Wilson foi impotente para o travar.

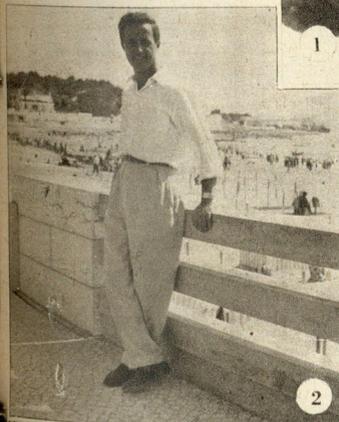


1) Defeso... em Oeiras.

2) Di Pace e o seu estilo...

3) 1956 — Capitão do Belenenses. Entrega uma lembrança a Leandro, capitão do Caldas, da primeira visita às Salésias.

4) Em Paço de Arcos, com o seu compatriota Garófalo.





1956 — Vitória do Belenenses por 5-1 contra o Oriental, já no Estádio do Restelo. Capelo e Luz seguem a jogada, sem tempo de intervir...

COMO DI PACE INGRESSOU NO BELENENSES

— Depois de deixar o Chile voltei à Argentina, a visitar a família, mas já com o propósito de ingressar no Belenenses. Também Zozaya me falou no Belenenses, e correspondi-me então com o sr. Calisto Gomes — proseguiu Miguel Di Pace, que relatou a seguir.

— Cheguei a Lisboa, vindo de avião em Abril de 1953. A cidade, a gente do meu novo clube, tudo me cativou logo.

Sorriu, quando disse:

— Eu vim com a ideia de cá jogar uma ou duas épocas. Já lá vão quatro anos, quase cinco!...

E, com ar sonhador, acrescentou:
— Fiz contrato por um ano, e assinei a cláusula de não alinhar noutro clube português, sem consentimento do Belenenses, porque não esperava ficar cá, como disse mais de dois anos.

— Quanto recebeu de «luvas»?

— Trinta contos! Contrato renovável, época a época...

1957 — Belenenses, 4 — Barreirense, 0. Di Pace consegue ser mais rápido que Isidoro e Faneça.



1957 — Belenenses, 3 — Académica, 2. O árbitro até parece espantado com o golfe de Di Pace.

— É pouco, para um jogador da sua categoria — não pudemos deixar de observar. — Para quem foi trocado por um Miêndez e recebeu 150 contos e ficar livre ao cabo de três anos...

— De facto, podia fazer-me valer mais. Mas, além de ignorar tudo a respeito de Portugal, ansiava por conhecer a Europa. E não estou arrependido, a prova é que cá continuo... Há coisas que nem só o dinheiro compensa...

ESTREIA INFELIZ NO BELENENSES

— Recorda-se da sua estreia no Belenenses?

— Se recordo... Foi o pior possível. Foi num jogo com o Barreirense, no nosso campo, para a Taça de Portugal... e ficámos logo eliminados! Não fiz mais jogo nenhum nessa época...

— Já é azar. Também no Racing não foi feliz na estreia...

— Acontece... Finalizámos essa época na Madeira e Açores, que gostei imenso

1957 — Belenenses, 3 — Sant Etienne, 1. A cinco minutos, Di Pace, sai lesionado (meio-descalço), amparado ao maçagista Pama e Silva Rocha.



de visitar. E então vencemos todos os jogos...

Di Pace falou-nos noutras digressões efectuadas pelo Belenenses, que lhe permitiu visitar terras, como as de África e a cosmopolita Paris. Um desgosto: não ter ido ao Brasil.

— Ficava perto da Argentina e teria dado um salto a Buenos Aires, que não vejo quase há cinco anos — confidenciou-nos.

— ..E teria ficado, talvez...

Abanou a cabeça, negativamente e não respondeu.

— Por quanto tempo ainda o teremos entre nós? — insistimos.

— Não sei. Gosto sinceramente de Portugal. Todos os anos penso que é o último que cá fico... mas sempre vou ficando um pouquinho mais...

Algo o prende a Portugal — e talvez não seja só o Belenenses e as belezas da nossa terra...

REMINISCENCIAS DE DI PACE

Encentámos um novo capítulo da nossa longa entrevista:

— Qual foi o melhor jogo da sua vida?

— Jogava no Racing, contra o Boca Juniors, no nosso campo. Vencemos por 4-2 marcando eu os dois últimos tentos, que valeram a vitória.

E acrescentou:

— Foi por causa desse jogo, em que tudo me correu bem, que me quiseram entrevistar e meu pai não deixou...

— As tardes mais alegres e mais tristes?

— A mais feliz liga-se a esse jogo. A mais triste foi quando «perdemos» o campeonato de 1954-55.

(Todo o Belenenses repete esta triste afirmação: «perdemos» o campeonato. Ou não o ganharam, o que vem a dar no mesmo...)

— O melhor golo da sua carreira, qual foi?

— Era Junior e jogava contra o S. Lorenzo de Almagro, que seguia invicto. Ganhámos por 1-0 — e o golo, marcado por mim foi festejadíssimo.

Explicou logo a seguir:

— Bem, este foi o meu golo mais «precioso», digamos. O mais bonito foi talvez contra o Lanus. Fonda (o actual treinador do Serpa) era o defesa da minha equipa e passou-me a bola por alto. De cabeça, atirei-a por cima do guarda-redes que saíra e fiz o golo.

— Em Portugal, o melhor qual foi?

— Foi talvez o meu primeiro golo em Portugal. Na «Taça de Lisboa», no Estádio

Nacional, em 1953, o Belenenses ganhou por 2-1. Marquei um dos tentos, depois de driblar quatro ou cinco jogadores...

— Você gosta muito de driblar, não é?

— Custo de jogar futebol — rectificou.

— No entanto, já tem sido censurado, decerto por se agarrar demasiadamente à bola...

Di Pace, calmamente, declarou:

— Censurar, de fora, é fácil. Das batidas vê-se todo o campo, descortina-se melhor, num único golpe de vista, a posição dos jogadores. Eu quando «me agarro» à bola é porque espero que os companheiros se desmarquem e porque tento ver qual é aquele que está melhor colocado para a receber. As vezes, esta manobra, não é tão rápida, como eu desejo, e acabo por perder a bola. Eu prefiro isso, a passar a bola à toa, para um adversário. Se algumas vezes sou realmente batido, também muitas, e mais vezes, passo a bola para o melhor sítio, e quantas vezes dando golo, é, ou não assim?

O FUTURO DE DI PACE

ANTEVISIONADO POR ELE

— Quantas épocas espera jogar mais, Di Pace? inquirimos então.

— As que durarem as «canetas», como vocês dizem... — replicou, de novo sorridente.

— ...E quanto julga que durem as suas «canetas»? — insistimos, no mesmo tom.

— Talvez uns três anos mais, não sei...

— Cá... ou na Argentina?

— Onde me queiram!...

E acrescentou:

— Contudo, não gostaria de deixar Portugal, sem ajudar o Belenenses a ganhar o título. Bem o merece...

— Este ano...

— ...é muito difícil. Mas não impossível. Se «isto» der uma volta...

(Não se especificou se «isto» era a feição do campeonato ou a sua própria equipa, e também não quisemos ser mais indiscretos...)

Fizemos as últimas perguntas:

— Que fará quando abandonar o futebol?

— Provavelmente, trabalharei no negócio de meu pai, de produção e exportação de batata — replicou.

— Se casar e tiver filhos, gostará que joguem futebol?

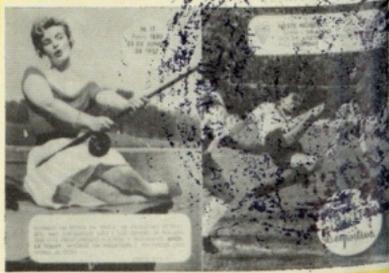
— Se forem rapazes jogarão, nem que seja à força! — foi a surpreendente resposta, e que traduz toda a paixão que o futebol desperta em Miguel Di Pace.

A seguir: **Francisco Calado** — um jogador "à Benfica"

A COLEÇÃO IDEAL:

CRÓNICA Desportiva

UM MUNDO DE CURIOSIDADES DO DESPORTO NACIONAL E ESTRANGEIRO



N. 29
* P R E Ç O 1\$50
* 27 DE OUTUBRO DE 1957